

PLUTARCO: ANTIGOS HÁBITOS DOS LACEDEMÔNIOS

PLUTARCH: ANCIENT HABITS OF LACEDAIMONIANS

Tradução, introdução e notas
 Maria Aparecida de Oliveira SILVA*

Resumo: Esta é a tradução de Τὰ παλαιά τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα, ou *Antigos hábitos dos lacedemônios*, de Plutarco. Trata-se de um tratado composto por 42 anedotas, ditos e episódios que retratam o período arcaico espartano, quando a cidade de Esparta era regida pelas leis de Licurgo.

Palavras-chave: Plutarco. Antigos hábitos dos lacedemônios. Licurgo. Esparta. Moralia.

Abstract: This is the translation of Plutarch's Τὰ παλαιά τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα or *Ancient Habits of Lacedaimonians*. It is a treaty composed of 42 anecdotes, sayings and episodes that portray the archaic Spartan period, when the city of Sparta was governed by the laws of Lycurgus.

Keywords: Plutarch. Ancient habits of Lacedaimonians. Lycurgus. Sparta. Moralia.

Introdução

Τὰ παλαιά τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα, ou *Instituta Laconica*, ora traduzido por *Antigos hábitos dos lacedemônios*, é um tratado que integra um conjunto de escritos plutarquianos denominado Ἀποφθέγματα Λακωνικά, ou *apophthegmata Laconica*, ou seja, *Ditos lacônicos*. Este foi catalogado sob o número 169 do Catálogo de Lâmprias, c. século IV a.C., e desmembrado no Catálogo de Máximo Planudes, do fim do século XIII, e recebe o número 60, ao lado de Λακωνῶν ἀποφθέγματα, ou *Lacaenarum apophthegmata*, ou *Ditos das lacônias*, e Ἀποφθέγματα Λακωνικά, ou *apophthegmata Laconica*, *Ditos lacônicos*. Na edição de Stephanus, elaborada em 1572, os tratados também aparecem separados, e Τὰ παλαιά τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα. ou *Instituta Laconica*, ocupa a numeração dos parágrafos 236A a 240B. Não conhecemos a data exata da escrita deste tratado, apenas sabemos que os escritos plutarquianos, em sua maioria, datam de 96 a 116 a.C. (JONES, 1966).

Antigos hábitos dos lacedemônios é composto por 42 anedotas, ditos e episódios que envolvem costumes, hábitos e práticas dos habitantes da Lacedemônia, a maior região da península do Peloponeso. Os antigos tratavam os espartanos como lacônios ou lacedemônios, o que nos coloca a questão sobre esses ditos também serem dirigidos a espartanos que habitavam diversos locais da Lacedemônia, ou da Lacônia, visto que os espartanos

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. E-mail: maosilva25@gmail.com.

dominaram diversos territórios fora de Esparta e para lá enviaram famílias para serem seus comandantes. O Catálogo¹ dos Olímpionicos² mostra que a Lacônia foi o berço da maioria dos vencedores olímpicos que representava Esparta até o século VI a.C., época em que Esparta é conhecida por seu rígido sistema de concessão de cidadania, o que nos leva a crer que cidadãos espartanos eram enviados para as regiões conquistadas e que seus filhos herdavam o direito à cidadania espartana.

Grande parte dos registros deste tratado encontra-se espalhada nas cinco biografias plutarquianas dedicadas aos espartanos Licurgo, Agesilau, Lisandro, Ágis e Cleômenes³. Na biografia de Lisandro, Plutarco escreve:

Outros colocaram guarda nas casas dos cidadãos, para que a moeda não entrasse nelas, por medo à lei, mas não mantiveram suas almas inabaláveis e insensíveis ao dinheiro, porque se lançaram no ardor de enriquecer como algo venerável e grandioso. A respeito disso, criticamos os lacedemônios por meio de outro escrito⁴. (PLUTARCO, *Vida de Licurgo*, XVII, 6).

Provavelmente, Plutarco faz referência aos parágrafos 239E a 240B deste tratado, visto que é onde traça um breve resumo da história espartana e apresenta os motivos que a levaram à derrocada frente ao Império Romano. Porém, as conclusões plutarquianas assemelham-se às contidas em vários capítulos da *Vida de Licurgo*; esta que é a biografia com mais ditos, anedotas e episódios presentes neste tratado, claramente, por ser a Esparta ideal. Sobre Licurgo e Esparta, Plutarco registra:

Por ele ter executado as mais belas ações, porque, se ele morresse, o fim da sua vida seria verdadeiramente feliz, e pela sua morte, também seria útil aos cidadãos que estariam de guarda pelas coisas belas e boas, abandonou-se a morte, visto que eles juraram utilizar sua constituição até que ele retornasse. E não se enganou nos cálculos; tanto que foi a primeira cidade da Hélade em boa ordem e reputação

¹ Para conhecer mais detalhes sobre o Catálogo dos Olímpionicos, ler o artigo e a tradução de Christesen e Martirosova-Torlone (2006).

² O primeiro catálogo de vencedores dos Jogos Olímpicos foi elaborado por Hípias de Élis, por volta de 400 a.C., que lista desde os primeiros jogos realizados em 776 a.C. até os de sua época, cujo título escolhido foi *Ολυμπιονίκαι (Olympioníkai)*, “Os vencedores dos Jogos Olímpicos”, ou os Olímpionicos. Os *Ολυμπιονίκαι (Olympioníkai)* não somente deram nome ao catálogo como também aos homens que se tornaram vitoriosos nas competições. Embora a tradição de registrar os nomes dos vencedores no Catálogo dos Olímpionicos tenha se mantido até o século III d.C., cobrindo 1.025 anos dos Jogos Olímpicos, em um registro que se perpetuou por sete séculos, os Jogos foram realizados até 393 d.C., ano em que o imperador Teodósio I decretou sua extinção. E a cidade de Olímpia conhece o seu declínio no período romano tardio, quando é arrasada por invasões, depois por enchentes e terremotos, e sucumbe em ruínas até ser redescoberta em 1776, exatos 2.000 anos depois dos primeiros Jogos Olímpicos, pelo arqueólogo Richard Chandler.

³ Para uma leitura sistemática das biografias citadas, consultar Silva (2006).

⁴ No original, “οἱ δὲ ταῖς μὲν οἰκίαις τῶν πολιτῶν, ὅπως οὐ πάρεισιν εἰς αὐτὰς νόμισμα, τὸν φόβον ἐπέστησαν φύλακα καὶ τὸν νόμον, αὐτὰς δὲ τὰς ψυχὰς ἀνεκπλήκτους καὶ ἀπαθεῖς πρὸς ἀργύριον οὐ διετήρησαν, ἐμβαλόντες εἰς ζῆλον ὡς σεμνοῦ δή τινος καὶ μεγάλου τοῦ πλουτεῖν ἅπαντας. περὶ μὲν οὖν τούτων καὶ δι' ἑτέρας που γραφῆς ἠψάμεθα Λακεδαιμονίων”.

durante o tempo de quinhentos anos, enquanto utilizaram as leis de Licurgo⁵. (PLUTARCO, *Vida de Licurgo*, XXIX, 5-6).

Muitos autores⁶ são citados ao longo da biografia de Licurgo, mas dois deles norteiam a visão plutarquiana de Esparta à época do legislador espartano, Tirteu e Xenofonte, sendo este último o mais citado, nomeado ou não. Xenofonte escreveu a *Constituição dos lacedemônios* na qual descreve as instituições criadas pelas leis de Licurgo e demonstra como essas foram introduzidas na educação de seus cidadãos e como isso interferiu em seus hábitos, costumes e práticas sociais e políticas. Portanto, Xenofonte apresenta uma Esparta que corresponde ao que Plutarco imagina que tenha sido o período arcaico espartano. Desse modo, Plutarco responde a um pensamento que tem como base as reflexões platônicas e aristotélicas sobre as leis, as únicas capazes de tornar uma cidade próspera e coesa. A *Constituição dos lacedemônios* é recebida por Plutarco como um acordo de cidadãos em que cada um assume a responsabilidade pelo todo. Esparta é o modelo de cidade que foi próspera e coesa por meio de leis que foram rigorosamente observadas graças ao empenho de um grande legislador, não sem o auxílio do deus Apolo em Delfos⁷.

Xenofonte vem a reforçar o escrito pelos filósofos e o discurso tecido por Plutarco na biografia de Licurgo⁸, como lemos a seguir:

Mas, que essas leis são as mais antigas, é claro; pois Licurgo afirma que nasceu no tempo dos Heraclidas; mas embora sejam tão antigas, ainda agora são como se fossem as mais novas entre eles; de fato, o que é mais admirável de tudo é que todos louvam tais costumes, mas nenhuma cidade deseja imitá-los. E esses hábitos são bens comuns, tanto na época de paz quanto na de guerra; se alguém quiser conhecer em que é melhor que as demais, é o que se planejou com arte em suas expedições militares, também é possível informar-se sobre isso⁹. (XENOFONTE, *Constituição dos lacedemônios*, X, 8 - XI, 1-2).

A concordância de Plutarco com a visão de Xenofonte é clara e se manifesta nas inúmeras referências que faz à *Constituição dos lacedemônios* em todas as biografias

⁵ No original, “αὐτῷ τε γὰρ ἐξεργασμένῳ τὰ κάλλιστα τὴν τελευταίαν ὡς ἀληθῶς ἐπιτελείω σινεῖναι τῆς εὐδαιμονίας, καὶ τοῖς πολίταις ὧν διὰ τοῦ βίου παρεσκεύασε καλῶν καὶ ἀγαθῶν φύλακα τὸν θάνατον ἀπολείπειν, ὁμομοκόσι χρῆσθαι τῇ πολιτείᾳ μέχρις ἂν ἐκεῖνος ἐπανέλθῃ. καὶ οὐ διεψεύσθη τῶν λογισμῶν· τοσοῦτον ἐπρώτευσεν ἡ πόλις τῆς Ἑλλάδος εὐνομία καὶ δόξη, χρόνον ἐτῶν πεντακοσίων τοῖς Λυκούργου χρησαμένη νόμοις”.

⁶ Por ordem de aparição, Plutarco cita Aristóteles, Erastóstenes, Apolodoro, Timeu, Simônides, Dieutíquidas, Hérmipo, Platão, Esfero, Tirteu, Xenofonte, Teofrasto, Dioscórides, Terpandro, Píndaro, Hípias, Filostéfano, Demétrio de Faleros, Hermipo, Sosíbio, Tucídides, Antístenes, Diógenes, Zenão, Apolotêmis, Aristóxeno.

⁷ Plutarco conta que Licurgo consultou o oráculo de Apolo para elaborar suas leis, ver *Vida de Licurgo*, VI, 5.

⁸ Futter abre seu artigo “Plutarch, Plato and Sparta” discorrendo sobre a *Vida de Licurgo* representar a Esparta idealizada por Plutarco, mas antes, por Platão (FUTTER, 2012).

⁹ ἀλλὰ γὰρ ὅτι μὲν παλαιότατοι οὗτοι οἱ νόμοι εἰσὶ, σαφές· ὁ γὰρ Λυκούργος κατὰ τοὺς Ἡρακλείδας λέγεται γενέσθαι· οὕτω δὲ παλαιοὶ ὄντες ἔτι καὶ νῦν τοῖς ἄλλοις καινότεροι εἰσὶ· καὶ γὰρ τὸ πάντων θαυμαστότατον ἐπαινοῦσι μὲν πάντες τὰ τοιαῦτα ἐπιτηδεύματα, μιμῆσθαι δὲ αὐτὰ οὐδεμία πόλις ἐθέλει. Καὶ ταῦτα μὲν δὴ κοινὰ ἀγαθὰ καὶ ἐν εἰρήνῃ καὶ ἐν πολέμῳ· εἰ δὲ τις βούλεται καταμαθεῖν ὅ τι καὶ εἰς τὰς στρατείας βέλτιον τῶν ἄλλων ἐμηγήσατο, ἕξεσσι καὶ τούτων ἀκούειν.

espartanas e nos ditos, anedotas e episódios citados em seus tratados. Embora notemos várias referências a essa obra de Xenofonte, esse tratado também se serve das investigações de Heródoto e de Tucídides, com suas citações anotadas na presente tradução. Portanto, além de seu conteúdo literário e etnográfico, temos a história como pano de fundo. Tratado que Ziegler vê como a reunião do material utilizado para a escrita de suas biografias, a matéria-prima a partir da qual as desenvolveu com estilo e zelo característicos de Plutarco (ZIEGLER, 1951, col. 643).

A tradução

<p>Τὰ παλαιά τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα¹⁰</p> <p style="text-align: center;">1</p>	<p>Antigos hábitos dos lacedemônios¹¹</p> <p style="text-align: center;">1</p>
<p>236F Τῶν εἰσιόντων εἰς τὰ συσσίτια ἑκάστῳ δεικνύων ὁ πρεσβύτατος τὰς θύρας, ‘διὰ τούτων’ φησὶν ‘οὐδεὶς ἐξέρχεται λόγος.’</p>	<p>236F O mais velho, que mostra as portas a cada um dos que entram nas sissítias¹², diz: “Por essas portas, não sai nenhuma palavra”¹³.</p>
<p style="text-align: center;">2</p> <p>Δοκιμαζομένου μάλιστα παρ' αὐτοῖς τοῦ μέλανος λεγομένου ζωμοῦ, ὥστε μὴ κρεαδίου δεῖσθαι τοὺς πρεσβυτέρους, παραχωρεῖν δὲ τοῖς νεανίσκοις, λέγεται Διονύσιος ὁ τῆς Σικελίας τύραννος τούτου χάριν Λακωνικὸν μάγειρον πρίασθαι καὶ προστάζει σκευάσαι αὐτῷ</p>	<p style="text-align: center;">2</p> <p>O chamado caldo negro era muito aprovado junto a eles, já que os mais velhos não precisavam sequer de um pequeno pedaço de carne, que a deixavam para os jovens, conta-se que graças a isso, Dionísio¹⁴, o tirano da Sicília¹⁵, comprou um cozinheiro lacônico e ordenou-lhe que preparasse um caldo para ele,</p>

¹⁰ Texto Grego retirado de Plutarch. *Moralia. Apophthegmata Laconica*. vol. 2.1. Ed. W. Nachstädt. Leipzig: Teubner, 1971.

¹¹ Habitantes de uma região localizada na Península do Peloponeso, onde estava situada a cidade de Esparta. Em geral, os autores gregos referem-se aos espartanos como lacedemônios, e a Esparta como sendo a Lacedemônia, ou ainda lacônios e Lacônia.

¹² Refeições públicas, comuns aos homens e aos jovens cidadãos espartanos.

¹³ Plutarco reproduz essa anedota, com outras palavras, em *Assuntos de banquetes*, 697E, onde lemos: “ταύτη φασὶν ‘οὐκ ἐξέρχεται λόγος’, isto é, “por ela”, dizem, “não sai uma palavra”, e na *Vida de Licurgo*, XII, 5, em que registra: “Διὰ τούτων,” φησὶν, “ἔξω λόγος οὐκ ἐκπορεύεται.”, ou seja, “Através dessas”, dizem, “para fora, não sai uma palavra”.

¹⁴ Trata-se de Dionísio I (405 a.C. - 367 a.C.), que se tornou tirano de Siracusa em 405 a.C., quando da realização da primeira e vitoriosa guerra contra Cartago, cidade fundada pelos fenícios no Norte da África.

¹⁵ Maior ilha da região da Magna Grécia, fundada por Árquias de Corinto em 734 a.C. Sobre a sua fundação, consultar: Plutarco, *Contos de Amor*, 772E-773B.

<p>μηδενὸς φειδόμενον ἀναλώματος· ἔπειτα γευσάμενον καὶ δυσχεράναντα</p> <p>237A ἀποπτύσαι, καὶ τὸν μάγειρον εἰπεῖν ὃ βασιλεῦ, τοῦτον δεῖ τὸν ζωμὸν γυμνασάμενον Λακωνικῶς <έν> τῷ Εὐρώτῃ λελουμένον ἐποψᾶσθαι.’</p>	<p>sem poupar gasto; depois de tê-lo provado,</p> <p>237A tolerou-o com dificuldade e o rejeitou cuspendo-o, e o cozinheiro disse-lhe: “Esse caldo deve ser comido por quem se exercitou à moda lacônica e se banhou no Eurotas^{16, 17}.”</p>
<p style="text-align: center;">3</p>	<p style="text-align: center;">3</p>
<p>Πιόντες οἱ Λάκωνες ἐν τοῖς συσσιτίοις μετρίως ἀπίασι δίχα λαμπάδος· οὐ γὰρ ἔξεστι πρὸς φῶς βαδίζειν οὔτε ταύτην οὔτ’ ἄλλην ὁδόν, ὅπως ἐθίζονται σκότους καὶ νυκτὸς εὐθαρσῶς καὶ ἀδεῶς ὀδεύειν.</p>	<p>Depois de beber com moderação nas sissítias, os lacedemônios partem sem tochas; pois não lhes é permitido ir nem por este nem por qualquer outro caminho com luz, para que se acostumem a caminhar na escuridão e à noite com ânimo e sem medo¹⁸.</p>
<p style="text-align: center;">4</p>	<p style="text-align: center;">4</p>
<p>Γράμματα ἔνεκα τῆς χρείας ἐμάνθανον· τῶν δ’ ἄλλων παιδευμάτων ξηνηλασίαν ἐποιοῦντο, οὐ μᾶλλον ἀνθρώπων ἢ λόγων. ἡ δὲ παιδεία ἦν αὐτοῖς πρὸς τὸ ἄρχεσθαι καλῶς καὶ καρτερεῖν πονοῦντα καὶ μαχόμενον νικᾶν ἢ ἀποθνήσκειν.</p>	<p>Aprendiam as letras por necessidade¹⁹; e promoviam o banimento dos outros conhecimentos, não mais dos homens que dos livros. E a educação deles estava voltada para ser bem comandado, perseverante nas atividades penosas e combater para vencer ou morrer²⁰.</p>
<p style="text-align: center;">5</p>	<p style="text-align: center;">5</p>
<p>237B Διετέλουν δὲ καὶ ἄνευ χιτῶνος, ἐν ἱμάτιον εἰς τὸν ἐνιαυτὸν λαμβάνοντες, ἀύχηροὶ τὰ σώματα καὶ λουτρῶν καὶ</p>	<p>237B E ainda passavam a vida sem quítion²¹, recebiam um único manto para um ano inteiro, seus corpos eram sujos e, durante a maior parte</p>

¹⁶ Maior rio da Lacônia, corta o monte Taígeto e cruza a cidade de Esparta.

¹⁷ Na *Vida de Licurgo*, XII, 7, Plutarco registra um episódio semelhante, mas com um rei do Ponto, sem nomeá-lo, que comprou um cozinheiro lacedemônio, onde diz: “Ὁ βασιλεῦ, τοῦτον δεῖ τὸν ζωμὸν ἐν τῷ Εὐρώτῃ λελουμένους ἐποψᾶσθαι.”, isto é, “Ὁ rei, esse caldo deve ser comido depois de ter se banhado no Eurotas”. O orador romano Cícero, em *Tusculanas*, V, 34, 98, conta este episódio com Dionísio, como Plutarco o faz aqui, e o registra assim: “ubi cum tyrannus cenavisset Dionysius, negavit se iure illo nigro, quod cenae caput erat, delectatum. Tum is qui illa coxerat: ‘Minime mirum; condimenta enim defuerunt.’ ‘Quae tandem?’ inquit ille. ‘Labor in venatu, sudor, cursus ad Eurotam, fames, sitis; his enim rebus Lacedaemoniorum epulae condiuntur.’”, ou seja, “Quando o tirano Dionísio jantou lá uma vez, disse que não havia gostado nada daquele famoso caldo negro, que era o prato principal do jantar. Então, o cozinheiro que o havia preparado disse: “Não tem nada de diferente, faltaram-lhe os condimentos. “Quais então?”, ele perguntou. “A fadiga da caça, o suor, a corrida até o Eurotas; porque com esse tipo de coisa o prato é temperado pelos lacedemônios”. Outro autor que faz referência ao caldo negro é Estobeu em *Florilégio*, XXIX, 100.

¹⁸ Esta prática também é citada por Plutarco na *Vida de Licurgo*, XII, 4, e por Xenofonte em *Constituição dos lacedemônios*, V, 7. Este é o primeiro de uma série de episódios em que a coragem espartana é exaltada e posta como uma marca distintiva de Esparta. Sobre esse tema, há o minucioso artigo de Scott (2017).

¹⁹ Plutarco repete esta afirmação na *Vida de Licurgo*, XVI, 6. Em contraposição a este relato, em um dos seus discursos, Isócrates afirma que “οὐδὲ γράμματα μανθάνουσιν”, ou seja, que os lacedemônios “nem mesmo as letras aprendem”. Consultar: Isócrates, *Panatenaico*, 209, 3.

²⁰ O mesmo raciocínio é apresentado na *Vida de Licurgo*, XVI, 7.

²¹ Trata-se de uma túnica de linho muito usada entre os atenienses.

<p>ἀλειμμάτων κατὰ τὸ πλεῖστον ἀπεχόμενοι.</p>	<p>do tempo, mantinham-se longe de banhos e unguentos²².</p>
6	6
<p>Ἐκάθευδον δὲ οἱ νέοι ὁμοῦ κατ' ἕλην καὶ κατ' ἀγέλην ἐπὶ στιβάδων, ἃς αὐτοὶ συνεφόρουσαν, τοῦ παρὰ τῷ Εὐρώτῃ πεφυκότος καλάμου τὰ ἄκρα ταῖς χερσὶν ἄνευ σιδήρου κατακλάσαντες· ἐν δὲ τῷ χειμῶνι τοὺς λεγομένους λυκοφάνους ὑπεβάλλοντο καὶ κατεμίγνυσαν ταῖς στιβάσι, θερμαντικὸν ἔχειν τι τῆς ὕλης δοκούσης.</p>	<p>E os jovens dormiam juntos por companhias e grupos de jovens em camas feitas com folhagens, que eles mesmos recolhiam e quebravam com as mãos as pontas do tálamo nascido às margens do Eurotas, sem o uso do ferro; e no inverno, colocavam embaixo de si as chamadas licófonas²³ e as misturavam com palha, porque se pensava que qualquer coisa vinda da floresta tinha capacidade térmica.</p>
7	7
<p>Ἐρᾶν τῶν τὴν ψυχὴν σπουδαίων παιδῶν ἐφεῖτο· τὸ δὲ πλησιάζειν αἰσχρὸν νενόμιστο, ὡς τοῦ σώματος ἐρῶν-</p>	<p>Era permitido amar a alma dos jovens sérios; mas era considerado vergonhoso ter relações sexuais entre eles, porque havia o amor pelo corpo,</p>
<p>237C τας ἀλλ' οὐ τῆς ψυχῆς· ὁ δ' ἐγκληθεὶς ὡς ἐπ' αἰσχύνῃ πλησιάζων ἄτιμος διὰ βίου ἦν.</p>	<p>237C mas não pela alma; e quem fosse acusado de ter tido relações sexuais sob condição vergonhosa, perdia o direito à cidadania por toda vida²⁴.</p>
8	8
<p>Ἔθος ἦν καὶ τοὺς νεωτέρους ὑπὸ τῶν πρεσβυτέρων ἐρωτᾶσθαι, ποῖ πορεύονται καὶ ἐπὶ τί, καὶ τὸν μὴ ἀποκρινόμενον ἢ προφάσεις πλέκοντα ἐπιπλήττειν· ὁ δὲ μὴ ἐπιπλήττων παρόντος αὐτοῦ ἀμαρτάνοντα ἔνοχος ἦν τῷ ἴσῳ ἐπιτιμίῳ ὧπερ καὶ ὁ ἀμαρτῶν· καὶ ὁ δυσχεραίνων δέ, εἰ ἐπιτιμῶτο, ἐν μεγάλῳ ὀνειδίει ἦν.</p>	<p>Havia também o costume dos mais jovens serem interrogados pelos mais velhos sobre para onde eles estavam indo e com qual intenção, e quem não os respondesse ou tramasse pretextos recebia punição²⁵; e se o mais velho que estivesse presente não punisse quem cometeu o erro era acusado junto com quem cometeu o erro sob a mesma penalidade; também quem se aborrecesse era punido, estaria em uma situação de grande desgraça.</p>
9	9

²² Consultar a *Vida de Licurgo*, XVI, 5-6.

²³ λυκόφων (lykóphōn) é o equivalente de ἐχινόπους (ekhinópus), um tipo de planta espinhosa ou irritadiça. Plutarco repete a seguinte parte deste dito: “ἐν δὲ τῷ χειμῶνι τοὺς λεγομένους λυκόφονας ὑπεβάλλοντο καὶ κατεμίγνυσαν ταῖς στιβάσι, θερμαντικὸν ἔχειν τι τῆς ὕλης δοκούσης” (*Vida de Licurgo*, XVI, 7). Liddell & Scott (1996) acrescentam que também pode ser derivado de λυκόφονος (lykóphonos), que significa “assassinos de lobos” ou “matadores de lobos”. A partir disso, também podemos supor que se tratava uma planta venenosa que matava os lobos, que também seria uma proteção para eles.

²⁴ Consultar *Vida de Licurgo*, XVII, 1-2 e Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, II, 12-14.

²⁵ Prática registrada também em Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, II, 10.

<p>Εἴ τις φωραθεῖ ἄμαρτάνων, ἔδει τοῦτον βωμόν τινα τῶν ἐν τῇ πόλει κύκλῳ περιέναι, ψόγον ἄδοντα πεποιημένον εἰς ἑαυτόν· ὅπερ ἦν οὐδὲν ἕτερον ἢ ἐπιπλήττειν αὐτὸν αὐτῷ.</p>	<p>Se alguém fosse surpreendido cometendo um erro, este devia andar em círculo em torno de um dos altares da cidade, enquanto entoava um canto de censura composto por ele mesmo; que não era nada além de reprovar a si mesmo²⁶.</p>
<p style="text-align: center;">10</p>	<p style="text-align: center;">10</p>
<p>237D Καὶ τοὺς νέους δ' οὐ μόνον τοὺς ἰδίους αἰδεῖσθαι πατέρας καὶ ὑπηκόους τούτοις εἶναι, ἀλλὰ πάντας τοὺς πρεσβυτέρους ἐντρέπεσθαι, καὶ ὁδῶν ὑποχωροῦντας καὶ καθέδρας ὑπεξανισταμένους καὶ παρόντων ἡσυχάζοντας. διὸ καὶ ἦρχεν ἕκαστος οὐχ ὥσπερ ἐν ταῖς ἄλλαις πόλεσι τῶν αὐτοῦ καὶ τῶν τοῦ πλησίον, ὅπως ὅτι μάλιστα κοιτῶν αὐτοῦ καὶ τῶν τοῦ πλησίον, ὅπως ὅτι μάλιστα κοινωνῶσι καὶ φροντίζωσιν ὡς οἰκείων.</p>	<p>237D Os jovens também deviam respeitar não somente os seus próprios pais e ser obedientes a eles, mas ter respeito para com todos os mais velhos, também ceder-lhes os caminhos, levantar-se dos assentos para dar-lhes lugar e ficar quietos quando eles estivessem presentes²⁷. Por isso cada um deles comandava, não tal como em outras cidades, os seus próprios assuntos e os dos que estão próximos, para que tenham o máximo possível em comum e se preocupem com isso como se fossem seus próprios assuntos²⁸.</p>
<p style="text-align: center;">11</p>	<p style="text-align: center;">11</p>
<p>Παῖς δὲ ὑπὸ τινος κολασθεῖς, εἰ τῷ πατρὶ ἐξήγγειλεν, αἰσχρὸν ἦν τῷ πατρὶ μὴ προσεντεῖναι ἀκούσαντα πάλιν ἑτέρας· ἐπίστευον γὰρ ἑαυτοῖς ἐκ τῆς πατρίου ἀγωγῆς μηδὲν αἰσχρὸν προστάξαι τοῖς τέκνοις.</p>	<p>Quando um menino era castigado por alguém, se ao seu pai levasse a notícia, o pai teria vergonha de ouvir isso se não lhe reaplicasse outros golpes; pois sabia que a educação pátria não ordenaria nada de vergonhoso aos seus filhos²⁹.</p>
<p style="text-align: center;">12</p>	<p style="text-align: center;">12</p>
<p>237E Κλέπτουσι δὲ οἱ νέοι καὶ τῶν σιτίων ὃ τι ἂν δύνωνται, μανθάνοντες εὐφυῶς ἐπιτίθεσθαι τοῖς καθεύδουσιν ἢ ῥαθύμως φυλάσσουσι· τῷ δὲ ἀλόντι ζημία πληγαὶ καὶ τὸ πεινῆν. γλίσχρον γὰρ αὐτοῖς ἐστὶ δεῖπνον, ὅπως δι' αὐτῶν</p>	<p>237E E os jovens também roubam os alimentos que podem, aprendem com habilidade a atacar os que estão dormindo ou os que vigiam de modo negligente; e a punição para quem fosse capturado eram golpes de espada e a fome. Pois eles têm uma refeição</p>

²⁶ Ver Plutarco, *Vida de Licurgo*, XV, 3-4. Conforme Davies, os cidadãos espartanos deveriam se destacar por sua coragem e disciplina desde os primeiros anos de vida, a fim de que se tornassem exímios soldados e obtivessem destaque dentro de sua sociedade (2013, p. 266-267).

²⁷ Heródoto registra este hábito, quando compara os lacedemônios aos egípcios: “Ainda acontece de os egípcios terem outro costume diferente dos helenos que somente os lacedemônios têm, que é o seguinte: os mais jovens, quando se encontram com os mais velhos que eles, retiram-se do caminho, desviam-se e se levantam do assento quando eles se aproximam.” (Histórias, II, 80).

²⁸ Xenofonte registra o mesmo hábito em *Constituição dos lacedemônios*, II, 10.

²⁹ Também em Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, VI, 2.

<p>ἀμυνόμενοι τὴν ἔνδειαν ἀναγκάζονται τολμᾶν καὶ πανουργεῖν.</p>	<p>escassa, para que se defendam durante uma necessidade e sejam obrigados a ser ousados e habilidosos³⁰.</p>
<p style="text-align: center;">13</p> <p>Τὸ δ' ἔργον τῆς συσσιτίας διὰ τε ταῦτα γλίσχρον ἦν καὶ ἴν' ἐθίζονται μηδέποτε γίνεσθαι πλήρεις, δύνασθαι δὲ πεινῆν· οὕτω γὰρ ᾤοντο καὶ εἰς τὸν πόλεμον χρησιμωτέρους ἔσεσθαι, εἰ δύναιτο καὶ ἀσιτήσαντες ἐπιπονήσαι, καὶ ἐγκρατεστέρους δὲ καὶ εὐτελεστέρους, εἰ πλείω χρόνον διάγοιεν ἀπὸ μικρᾶς δαπάνης· τὸ δ'</p> <p>237F ἀνοψίαν ὑποφέρειν καὶ βρῶμα τὸ τυχὸν προσφέρεσθαι ᾤοντο ὑγιεινότερα τὰ σώματα καὶ εὐαυξῆ ἀπὸ τῆς ἐλλειπούσης ποιεῖν τροφῆς, νομίζοντες εἰς βάθος τε καὶ πλάτος μὴ πιεζόμενον ἐπαίρειν εἰς ὕψος τὰ σώματα· καὶ καλὰ δὲ ποιεῖν· τὰς γὰρ ἰσχνὰς καὶ διακένους ἕξεις ὑπακούειν πρὸς τὴν διάρθρωσιν, τὰς δὲ πολυτρόφους διὰ βάρους ἀντιβαίνειν.</p>	<p style="text-align: center;">13</p> <p>E a atividade da sissítia, por causa disso, era escassa, a fim de que jamais se acostumassem a estar satisfeitos e que fossem capazes de suportar a fome; pois pensavam que assim seriam mais úteis na guerra, se fossem capazes, mesmo sem alimentação, de perseverar na fadiga, ser mais fortalecidos e frugais e se por durante muito tempo tivessem o mínimo de despesa;</p> <p>237F suportar a falta de alimento, usar qualquer coisa encontrada ao acaso como refeição, pensar que os corpos seriam mais saudáveis se crescessem recebendo uma alimentação frugal, porque consideravam que os corpos deveriam ser esguios e longilíneos, estendidos para o alto; e se tornar belo, pois os magros e os esguios podem obedecer o movimento das articulações, enquanto os que são mais alimentados, por causa do peso, têm resistência a isso³¹.</p>
<p style="text-align: center;">14</p> <p>238A Ἐσπούδαζον δὲ καὶ περὶ τὰ μέλη καὶ τὰς ᾠδὰς οὐδενὸς ἦττον· κέντρον δ' εἶχε ταῦτα ἐγερτικὸν θυμοῦ καὶ φρονήματος καὶ παραστατικὸν ὀρμῆς ἐνθουσιώδους καὶ πρακτικῆς. καὶ ἡ λέξις ἦν ἀφελῆς καὶ ἄθρυπτος· οὐδὲν δ' ἕτερον εἶχεν ἢ ἐπαίνους τῶν γεννικῶς ζησάντων καὶ ὑπὲρ τῆς Σπάρτης ἀποθανόντων καὶ εὐδαιμονιζομένων καὶ ψόγους τῶν τρεσάντων ὡς ἀλγεινὸν καὶ κακοδαίμονα βιούντων βίον· ἐπαγγελία τε καὶ μεγαλαυχία πρὸς ἀρετὴν πρέπουσα ταῖς ἡλικίαις.</p>	<p style="text-align: center;">14</p> <p>238A E em nada se aplicavam com menos zelo que às melodias e aos cantos; isso é um aguilhão que desperta o ânimo e a inteligência, também suscita um impulso entusiástico e prático. E seu estilo era simples e austero; e nenhuma outra coisa continha além de elogios aos que viveram nobremente e morreram por Esparta, que eram felizes; e as censuras aos que tremiam no campo de batalha, que viviam uma vida de sofrimento e infelicidade; e declaração e exaltação da virtude conveniente para cada idade³².</p>

³⁰ Ver o capítulo XVII da *Vida de Licurgo*, de Plutarco; Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, II, 6-9 e Isócrates, *Panatenaico*, 211-214.

³¹ Conferir Plutarco, *Vida de Licurgo*, XV, 3-4, Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, II, 5-6; Ateneu, *Deipnosophistas*, XII e Eliano, *Várias histórias*, XIV, 7.

³² Xenofonte também registra esse hábito em *Constituição dos lacedemônios*, II, 12-14.

<p>15</p> <p>Τριῶν οὖν χορῶν ὄντων κατὰ τὰς τρεῖς ἡλικίας καὶ συνισταμένων ἐν ταῖς ἑορταῖς, ὁ μὲν τῶν γερόντων ἀρχόμενος ἦδεν (PLGr III ⁴⁹ 661 = II 197 Diehl)</p> <p><i>ἄμῃς ποτ' ἦμερ ἄλκιμοι νεανίαι·</i></p> <p>238B εἶτα ὁ τῶν ἀκμαζόντων ἀνδρῶν ἀμειβόμενος [ἔλεγεν]</p> <p><i>ἄμῃς δέ γ' εἰμέρ· αἰ δὲ λῆς, ἀγῶσδεο·</i></p> <p>ὁ δὲ τρίτος ὁ τῶν παιδῶν</p> <p><i>ἄμῃς δέ γ' ἐσσόμεσθα πολλῶ κάρρονες·</i></p>	<p>15</p> <p>Então, há três coros para as três idades, que se apresentam juntos nas festas, o dos anciões começa com este canto:</p> <p><i>“Nós outrora fomos valorosos jovens!”³³</i></p> <p>238B Depois, o que fala na sua vez para os homens maduros³⁴ diz:</p> <p><i>“E nós o somos: se quiseres, enxerga!”</i></p> <p>E o terceiro, o dos meninos:</p> <p><i>“E nós seremos em muito melhores.”</i></p>
<p>16</p> <p>Καὶ οἱ ἐμβατήριοι δὲ ῥυθμοὶ παρορμητικοὶ ἦσαν πρὸς ἀνδρείαν καὶ θαρραλεότητα καὶ ὑπερφρόνησιν θανάτου, οἷς ἐχρῶντο ἐν τε χοροῖς καὶ πρὸς αὐλὸν ἐπάγοντες τοῖς πολεμίοις. ὁ γὰρ Λυκοῦργος παρέζευξε τῇ κατὰ πόλεμον ἀσκήσει τὴν φιλομουσίαν, ὅπως τὸ ἄγαν πολεμικὸν τῷ ἐμμελεῖ κερασθὲν συμφωνίαν καὶ ἁρμονίαν ἔχη· διὸ καὶ ἐν ταῖς μάχαις προεθύετο ταῖς Μούσαις ὁ βασιλεὺς, ἵνα λόγου ἀξίας παρέχωσι τὰς πράξεις οἱ μαχόμενοι καὶ μνήμης εὐκλεοῦς.</p>	<p>16</p> <p>E os ritmos estimulantes das marchas militares estavam voltados para a coragem, ousadia e desdém da morte³⁵, os que são utilizados nos coros e quando, com o aulo, avançavam contra os inimigos. Pois Licurgo³⁶ atrelou o amor à música ao exercício para a guerra, para que o excesso de hostilidade misturado à melodia tivesse concordância e harmonia; por isso também, o rei nas batalhas realizava antes um sacrifício em honra às Musas³⁷, a fim de que os combatentes tivessem ações dignas de discurso e de memória gloriosa³⁸.</p>

³³ Esta sequência de falas, que nos lembra um jogral, também é registrada por Plutarco na *Vida de Licurgo*, XXI, 2-4, e em seu tratado *Do elogiar a si mesmo de modo irreprovável*, 544E.

³⁴ Consultar também Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, II, 10.

³⁵ A respeito da morte neste tratado, consultar Scott (2015).

³⁶ Legislador espartano (século VII a.C.), conhecido por ter implementado um conjunto de leis denominado Grande Retra, que os espartanos acreditavam terem sido ditadas pelo oráculo de Delfos. Para mais detalhes sobre o legislador e suas leis, consultar: Plutarco, *Vida de Licurgo* e *Vida de Sólon*, XVI, 2, e Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*.

³⁷ As Musas eram filhas da deusa Mnemôsine (personificação da Memória) e de Zeus pai e trazem ora o epíteto de Piérides, ora de Helicônias. Elas eram em número nove; a saber: Calíope (poesia épica), Clio (história), Euterpe (lírica e música de flauta), Melpômene (tragédia), Terpsícore (dança), Érato (hinos e música para lira), Polímnia (cantos sacros), Talia (comédia) e Urânia (astronomia).

³⁸ Este pensamento é vastamente difundido entre os autores que trataram de Esparta, ou de algum episódio que a envolva. Consultar Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, V, 70; Aristóteles, *Política*, 1340b20; Políbio, *Histórias*, IV, 20, e outros. Plutarco a reproduz em seu tratado *Ditos dos lacedemônios*, 210F e 221A e na *Vida de Licurgo*, XXI, 4.

<p>17</p> <p>238C Εἰ δέ τις παραβαίνοι τι τῆς ἀρχαίας μουσικῆς, οὐκ ἐπέτρεπον· ἀλλὰ καὶ τὸν Τέρπανδρον ἀρχαϊκώτατον ὄντα καὶ ἄριστον τῶν καθ' ἑαυτὸν κιθαρῳδῶν καὶ τῶν ἡρωικῶν πράξεων ἐπαινέτην ὁμῶς οἱ ἔφοροι ἐζημίωσαν καὶ τὴν κιθάραν αὐτοῦ προσεπαττάλευσαν φέροντες, ὅτι μίαν μόνην χορδὴν ἐνέτεινε περισσοτέραν τοῦ ποικίλου τῆς φωνῆς χάριν· μόνα γὰρ τὰ ἀπλούστερα τῶν μελῶν ἐδοκίμαζον. Τιμοθέου δ' ἀγωνιζομένου τὰ Κάρνεια, εἰς τῶν ἐφόρων μάχαιραν λαβὼν ἠρώτησεν αὐτόν, ἐκ ποτέρου τῶν μερῶν ἀποτέμη τὰς πλείους τῶν ἐπτὰ χορδῶν.</p>	<p>17</p> <p>238C E se alguém transgredisse algo da antiga música, isso não era permitido; embora Terpandro³⁹ fosse o mais antigo e o melhor dos citaredos de sua época, também um panegirista dos feitos heroicos, mesmo assim, os éforos o condenaram a pagar uma multa e levaram a sua cítara e a penduraram em um prego, porque estendeu uma única corda a mais em favor da variação do som; pois aprovavam somente as melodias mais simples. E quando Timóteo⁴⁰ estava competindo nas Carneias⁴¹, um dos éforos, depois de ter pegado uma faca, perguntou-lhe de qual dos lados cortaria as excedentes das sete cordas.</p>
<p>18</p> <p>238D Τῶν δὲ ταφῶν ἀνεῖλε τὴν δεισιδαιμονίαν ἅπασαν ὁ Λυκοῦργος, ἐν τῇ πόλει θάπτειν τοὺς νεκροὺς καὶ πλησίον ἔχειν τὰ μνημεῖα τῶν ἱερῶν συγχωρήσας. περιεῖλε δὲ καὶ τοὺς μiasμούς, συνθάπτειν δ' οὐδὲν ἐπέτρεψεν, ἀλλ' ἐν φοινικίδι καὶ φύλλοις ἐλαίας θέντας τὸ σῶμα περιστέλλειν κατ' ἴσον ἅπαντας. ἀνεῖλε καὶ τὰς ἐπιγραφὰς τὰς ἐπὶ τῶν μνημείων, πλὴν τῶν ἐν πολέμῳ τελευτησάντων, καὶ τὰ πένθη καὶ τοὺς ὀδυρμοὺς.</p>	<p>18</p> <p>238D E Licurgo retirou toda superstição dos rituais de enterramento, porque concordou que os cadáveres fossem enterrados na cidade e que as tumbas estivessem próximas dos templos. E também aboliu as impurezas, não permitiu que nada fosse enterrado com eles, mas que os corpos fossem trajados com uma veste vermelha e com folhas de oliveira, e prescreveu isso igualmente para todos. E retirou as inscrições das tumbas, exceto as de quem havia morrido na guerra, e as cerimônias enlutadas e as lamentações⁴².</p>
<p>19</p> <p>Ἀποδημεῖν δ' οὐκ ἐξῆν αὐτοῖς, ἵνα μὴ ξενικῶν ἐθῶν καὶ βίων ἀπαιδεύτων</p>	<p>19</p> <p>E não lhes era permitido viajar para fora da cidade, a fim de que não participassem dos</p>

³⁹ Músico e poeta, século VII a.C., nasceu na cidade de Antissa, na ilha de Lesbos. De acordo com Plutarco, em seu tratado *De música*, 1132 C-D, Terpandro foi compositor de nomos para cítara, nos quais adaptou melodia a versos de Homero e os apresentou em concursos. Também criou melodias para o aulo e cantos de procissão. No entanto, a música de Terpandro era muito simples se comparada à época de Plutarco (1133B). O músico sagrou-se como o primeiro vencedor das Carneias, em 676 a.C.

⁴⁰ Timóteo de Mileto, 450-360 a.C., trouxe inovações para o ditirambo e introduziu instrumentos com onze cordas em Esparta. O episódio do éforo com Timóteo é relatado também por Ateneu, *Deipnosofistas*, XI. Por sua vez, Pausânias relata que fora Timóteo que foi importunado por causa de sua cítara, não Terpandro, como lemos neste dito. Ver: Pausânias, *Descrição da Hélade*, XII, 10.

⁴¹ Em seu tratado *Assuntos de banquetes*, 717D, Plutarco diz que tanto Esparta como Atenas honravam o deus Apolo com festivais, esta com as Targélias e aquela com as Carneias. Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, V, 54 e 76, também faz referência às Carneias, assim como Eurípides, *Alceste*, vv. 445-450, onde o poeta conta que as Carneias tinham hinos sem lira, no mês carneu (julho-agosto), sob a lua cheia.

⁴² Plutarco conta que esses hábitos foram instituídos para que os jovens convivessem com a realidade da morte e assim não a temessem (*Vida de Licurgo*, XXVII, 1-4).

μετάσχωσι.	costumes estrangeiros e de seus modos de vida sem instrução ⁴³ .
20	20
238E Καὶ ξενηλασίας δ' εἰσηγήσατο, ὅπως οἱ παρεισρέοντες μὴ διδάσκαλοι κακοῦ τινος τοῖς πολίταις ὑπάρχωσι.	238E E também introduziu a xenelasia ⁴⁴ para aqueles que a adentrassem não fossem professores de mal nenhum aos cidadãos ⁴⁵ .
21	21
Τῶν πολιτῶν ὃς ἂν μὴ ὑπομείνη τὴν τῶν παίδων ἀγωγὴν οὐ μετεῖχε τῶν τῆς πόλεως δικαίων.	Dentre os cidadãos, quem não tivesse se submetido à educação dos jovens não compartilhava dos direitos da cidade ⁴⁶ .
22	22
Ἔνιοι δ' ἔφασαν, ὅτι καὶ τῶν ξένων ὃς ἂν ὑπομείνη ταύτην τὴν ἄσκησιν τῆς πολιτείας κατὰ τὸ βούλημα τοῦ Λυκούργου μετεῖχε τῆς ἀρχῆθεν διατεταγμένης μοίρας·	E alguns diziam que, dentre os estrangeiros, quem se submetesse a esse exercício da constituição, conforme a determinação de Licurgo, participava da parte estabelecida desde o princípio.
23	23
πωλεῖν δ' οὐκ ἐξῆν. Τοῖς τῶν πλησίον οἰκέταις ὡς ἰδίους χρῆσθαι ἔθος ἦν, εἴ που δέοιντο, καὶ κυσὶ καὶ ἵπποις, εἰ μὴ οἱ δεσπότης χρῆζοιεν· καὶ ἐν ἀγρῶ δ' εἴ τις τινος ἐλλιπῆς γενόμενος δεηθείη, ἀνοιξας καὶ βαστάσας τὰ ἐπιτήδεια τοῦ ἔχοντος, τὰ ταμιεῖα σημηνάμενος κατέλειπεν.	E não era permitido vender. O costume era utilizar os servos dos vizinhos como se fossem próprios, se um dia necessitassem, também os cães e os cavalos; se os seus déspotas ⁴⁷ não precisassem deles; e ainda, no campo, se alguém tivesse a necessidade de algo que lhe faltasse, após abrir e retirar o que lhe conviesse de quem os possuía, lacrava os locais de armazenamento e o deixava ⁴⁸ .

⁴³ Plutarco repete esta ideia em *Vida de Licurgo*, XXVII, 6, igualmente na *Vida de Ágis*, X, 2, também Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, XIV, 4, antes Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, II, 39, e outros.

⁴⁴ A ξενηλασία (*xenēlasía*) era a expulsão de estrangeiros. Sobre a xenelasia em Esparta, consulta Figueira (2003).

⁴⁵ Consultar *Vida de Licurgo*, XXVII, 7.

⁴⁶ Ver Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, III, 3.

⁴⁷ δεσπότης (*despotēs*), ou déspota, não corresponde ao sentido que temos hoje. À época de Aristóteles, era o nome dado ao senhor de escravos. O relato de Heródoto lembra o dito pelo filósofo ateniense sobre o homem livre: “De modo que uns não sabem governar, mas ser governados por um poder semelhantes ao destinado aos escravos, e os outros não sabem ser governados por nenhum tipo de poder que ser governado por um poder despótico. Portanto, a cidade se torna um lugar de déspotas e de escravos, mas não um lugar de homens livres; uns homens são invejosos e outros são negligentes, o que se afasta muitíssimo da amizade e da comunidade política; pois a comunidade é um ato de amizade; pois os homens não querem compartilhar nem o caminho com os seus inimigos” (Aristóteles, *Política*, 1295b20-25).

⁴⁸ Aristóteles registra, “na Lacedemônia, eles utilizam os escravos uns dos outros, como costumavam dizer que eram próprios, além dos cavalos, cães e os produtos agrícolas, quando necessitavam de provisões para viajar pelo

<p>24</p> <p>238F Ἐν τοῖς πολέμοις φοινικίσιν ἐχρῶντο· ἅμα μὲν γὰρ ἡ χρῶα ἐδόκει αὐτοῖς ἀνδρική εἶναι, ἅμα δὲ τὸ αἱματῶδες τοῦ χρώματος πλείονα τοῖς ἀπειροῖς φόβον παρέχειν· καὶ τὸ μὴ εὐπερίφωρον δὲ τοῖς πολεμίοις εἶναι, ἐάν τις αὐτῶν πληγῆ, ἀλλὰ διαλανθάνειν διὰ τὸ ὁμόχρουν χρήσιμον.</p>	<p>24</p> <p>238F Nas guerras trajavam roupas vermelhas; pois tanto eles pensavam que a cor era viril como que o aspecto sangrento da cor causava mais medo aos inexperientes; também que não era fácil de se descobrir entre os inimigos, caso um deles fosse ferido, mas que passava despercebido pela vantagem da semelhança da cor⁴⁹.</p>
<p>25</p> <p>Ὅταν στρατηγήματι τοὺς πολεμίους νικήσωσι, βοῦν τῷ Ἄρει θύουσιν· ὅταν δ' ἐκ τοῦ φανεροῦ, ἀλεκτρυόνα· ἐθίζοντες τοὺς ἡγουμένους οὐ μόνον πολεμικοῦς ἀλλὰ καὶ στρατηγικοῦς εἶναι.</p>	<p>25</p> <p>Quando vencem os inimigos por meio de um estratagema, sacrificam um boi para Ares⁵⁰; e quando vem de uma batalha em campo aberto, um galo; porque estão acostumados a ser comandados não somente guerreiros, mas também estratégicos.</p>
<p>26</p> <p>239A Ταῖς εὐχαῖς προστιθέασι τὸ ἀδικεῖσθαι δύνασθαι.</p>	<p>26</p> <p>239A Às suas preces, acrescentavam a capacidade de sofrer uma injustiça.</p>
<p>27</p> <p>Εὐχὴ δ' αὐτῶν διδόναι τὰ καλὰ ἐπὶ τοῖς ἀγαθοῖς, καὶ πλεον οὐδέν.</p>	<p>27</p> <p>E a prece deles era para que recebessem belas coisas por suas nobres ações, nada mais⁵¹.</p>
<p>28</p> <p>Ἀφροδίτην σέβουσι τὴν ἐνόπλιον· καὶ πάντας δὲ τοὺς θεοὺς θήλειαι καὶ ἄρρενας λόγχας ἔχοντας ποιοῦνται, ὡς ἀπάντων τὴν πολεμικὴν ἀρετὴν ἐχόντων.</p>	<p>28</p> <p>Eles veneravam Afrodite⁵² Enóplia⁵³, e representavam todos os deuses femininos e masculinos com lanças, para que todos tivessem a virtude guerreira.</p>

seu território” (Política, 1263a35-39). Tal hábito também é relatado por Xenofonte em *Constituição dos lacedemônios*, VI, 3-4.

⁴⁹ Consultar Xenofonte em *Constituição dos lacedemônios*, II, 3; Valério Máximo, *Feitos e ditos memoráveis*, II, 6, 12 e Eliano, *Várias histórias*, VI, 6.

⁵⁰ Filho de Zeus e de Hera, pertence à segunda geração dos deuses olímpicos, considerado o deus da guerra, do combate. Sobre a origem de Ares, consultar Hesíodo, *Teogonia*, vv. 921-922.

⁵¹ Plutarco faz referência ao dito por Platão em seu diálogo *Alcibíades*, 148c.

⁵² Deusa do amor, filha de Urano, nascida dos órgãos sexuais de seu pai, cortados por Crono, que caíram nas ondas do mar e que, em suas espumas, geraram Afrodite. Nas águas do mar, a deusa foi levada à ilha de Citera e, em seguida, a Chipre, hoje chamada Chipre.

⁵³ Pausânias, em sua descrição da Lacônia, afirma que havia uma colina na qual foi construída um pequeno templo no topo, onde estava localizada “a imagem de Afrodite armada talhada na madeira” (Ἀφροδίτης ξόανον ὀπισμμένης) (*Descrição da Hélade*, III, 15, 1). E mais adiante, afirma que a imagem “tinha na cabeça um elmo e nas mãos uma lança e um arco” (ἔχει δὲ ἐπὶ τῇ κεφαλῇ κράνος, λόγχην δὲ ἐν ταῖς χερσὶ καὶ τόξον) (*Descrição da Hélade*, III, 19, 1).

<p>29</p> <p>Ἐπιλέγουσι δὲ καὶ [οἱ] παροιμιαζόμενοι (Apost.XV 92 Paroem. Gr. II 653)</p> <p><i>ἴταν χεῖρα ποτιφέροντα τὰν τύχαν καλεῖν,</i>⁵⁴</p> <p>ὡς δέον ἐπικαλεῖσθαι τοὺς θεοὺς μετὰ τοῦ ἐγχειρεῖν τι καὶ πράττειν, ἄλλως δὲ μή.</p>	<p>29</p> <p>E os que costumam citar provérbios dizem:</p> <p><i>oferece a tua mão, quando o destino te chamar,</i></p> <p>porque necessitas invocar os deuses depois de empreender algo e fazê-lo, e não de outro modo⁵⁴.</p>
<p>30</p> <p>Τοῖς παισὶν ἐπεδείκνυον τοὺς εἴλωτας μεθύσαντες εἰς ἀποτροπὴν πολυοινίας.</p>	<p>30</p> <p>Aos meninos, mostravam os hilotas embebedados para preveni-los sobre o excesso de vinho⁵⁵.</p>
<p>31</p> <p>Ἔθος ἦν αὐτοῖς μηδὲ κόπτειν τὰς αὐλείους ἀλλ' ἔξωθεν βοᾶν.</p>	<p>31</p> <p>Eles não tinham o costume de bater às portas de entrada das casas, mas de gritar do lado de fora.</p>
<p>32</p> <p>239B Στλεγγίσιν οὐ σιδηραῖς ἀλλὰ καλαμίναις ἐχρῶντο.</p>	<p>32</p> <p>239B Não utilizavam raspadores de ferro, mas de caniços⁵⁶.</p>
<p>33</p> <p>Κωμωδίας καὶ τραγωδίας οὐκ ἠκροῶντο, ὅπως μήτ' ἐν σπουδῇ μήτ' ἐν παιδιᾷ ἀκούωσι τῶν ἀντιλεγόντων τοῖς νόμοις.</p>	<p>33</p> <p>Não eram ouvintes das comédias e das tragédias, para que nem a sério nem por brincadeira eles ouvissem os que se contrapõem às leis.</p>
<p>34</p> <p>Ἀρχίλοχον τὸν ποιητὴν ἐν Λακεδαίμονι γενόμενον αὐτῆς ὥρας ἐδίωξαν, διότι</p>	<p>34</p> <p>Arquíloco⁵⁷, o poeta, quando chegou à Lacedemônia⁵⁸, nessa hora, eles o</p>

⁵⁴ Provérbio contido também na Fábula n. 20, de Bábrio.

⁵⁵ Plutarco registra esse hábito ainda na *Vida de Licurgo*, XXVIII, 8 e *Vida de Demétrio*, I, 5.

⁵⁶ Ver também Teofrasto, *História das plantas*, IV, 12 e Plínio, *História natural*, XVI, 66.

⁵⁷ Poeta heleno do século VII a.C., nascido na ilha de Paros. Segundo a tradição, era filho de uma escrava e, por limitação econômica, migrou para Tasos, onde foi soldado mercenário e apaixonado por Neobule, filha de Licambes. A poesia iâmbica e seus hinos tornaram Arquíloco famoso, mas deles nos restaram apenas fragmentos.

⁵⁸ Região localizada na Península do Peloponeso.

<p>ἐπέγνωσαν αὐτὸν πεποιηκότα ὡς κρεῖττον ἔστιν ἀποβαλεῖν τὰ ὄπλα ἢ ἀποθανεῖν· (I 213 D.)</p> <p><i>ἄσπίδι μὲν Σαῖων τις ἀγάλλεται, ἦν περιθάμνω ἔντος ἀμώμητον κάλλιπον οὐκ ἐθέλων· <αὐτὸς δ' ἐξέφυγον θανάτου τέλος·> ἄσπις ἐκείνη ἐρρέτω· ἐξαυθις κτήσομαι οὐ κακίω.'</i></p> <p style="text-align: center;">35</p>	<p>expulsaram⁵⁹, porque descobriram que ele havia composto que era melhor largar as armas que morrer:</p> <p><i>Com meu escudo, um saio se exalta, o que na moita, arma perfeita, abandonei sem querer! Mas eu mesmo escapei da morte no fim; pereça aquele escudo! De novo obterei um não pior⁶⁰.</i></p> <p style="text-align: center;">35</p>
<p>239C Κόραις καὶ κόροις κοινὰ τὰ ἱερά.</p> <p style="text-align: center;">36</p>	<p>239C Os ritos sacrificiais eram comuns às jovens e aos jovens virgens⁶¹.</p> <p style="text-align: center;">36</p>
<p>Σκιραφίδαμ ἐζημῖωσαν οἱ ἔφοροι, ὅτι ὑπὸ πολεμίων ἠδικεῖτο.</p> <p style="text-align: center;">37</p>	<p>Os éforos impuseram uma multa a Ciráfidas⁶², porque foi lesado pelos inimigos.</p> <p style="text-align: center;">37</p>
<p>Σακκοφόρον ἀνεῖλον, διότι παρυφήν εἰς τὸν σάκκον ἐνέβαλε.</p> <p style="text-align: center;">38</p>	<p>Mataram um que trajava um manto grosseiro, porque colocou uma franja em seu manto⁶³.</p> <p style="text-align: center;">38</p>
<p>Τὸν ἐκ τοῦ γυμνασίου νεανίσκον ἐπετίμων, ὅτι τὴν εἰς Πυλαίαν ὁδὸν ἠπίστατο.</p> <p style="text-align: center;">39</p>	<p>Puniram um jovem adolescente que estava fora dos exercícios gímnicos, porque conhecia o caminho para Pilea⁶⁴.</p> <p style="text-align: center;">39</p>
<p>Κηφισοφῶντα, εἰπόντα περὶ τοῦ τυχόντος δύνασθαι ὅλην τὴν ἡμέραν λέγειν,</p>	<p>Baniram Cefisofonte⁶⁵ porque ele disse que era capaz de falar o dia inteiro sobre o assunto que</p>

⁵⁹ Sobre a expulsão de estrangeiros, existem diversos relatos, como os de Aristófanes, *Aves*, v. 1012; Platão, *Protágoras*, 342c; Xenofonte, *Constituição dos lacedemônios*, XIV, 4 e Eliano, *Várias histórias*, XIII, 16.

⁶⁰ O terceiro verso apresenta diferenças que não constam na tradição escrita, sobre esse debate, consultar Corrêa (1998, p. 112-113) e Silva (2013, p. 71-72).

⁶¹ Consultar Plutarco, *Vida de Licurgo*, XIV, 4.

⁶² Na *Vida de Lisandro*, Plutarco afirma que Ciráfidas, segundo Teopompo, propôs que não se recebesse moedas de ouro ou prata em Esparta, que somente utilizassem o ferro temperado corrente na cidade, ou o bronze, que era menos usado (*Vida de Lisandro*, XXVII, 3-4).

⁶³ Este dito não encontra paralelo nos relatos que nos chegaram sobre Esparta.

⁶⁴ Não se sabe ao certo a qual caminho Plutarco se refere, talvez se trate de uma expressão que indique a passagem por determinado local reservado aos homens adultos.

⁶⁵ Não dispomos de mais informações sobre essa personagem.

<p>ἐξέβαλον, φάμενοι τὸν ἀγαθὸν μυθικτὰν δεῖν τοῖς πράγμασιν ἴσον τὸν λόγον ἔχειν.</p> <p style="text-align: center;">40</p>	<p>viesses, então lhe disseram que o bom contador de histórias deveria ter o discurso igual às suas ações.</p> <p style="text-align: center;">40</p>
<p>Οἱ παῖδες παρ' αὐτοῖς ξαινόμενοι μάστιξι δι' ὅλης τῆς ἡμέρας ἐπὶ τοῦ βωμοῦ τῆς Ὀρθίας Ἀρτέμιδος μέχρι θανάτου πολλάκις διακαρτεροῦσιν ἰλαροὶ καὶ γαῦροι,</p> <p>239D ἀμιλλώμενοι περὶ νίκης πρὸς ἀλλήλους, ὅστις αὐτῶν ἐπὶ πλέον τε καὶ μᾶλλον καρτερήσῃ τυπτόμενος; καὶ ὁ περιγεγόμενος ἐν τοῖς μάλιστα ἐπίδοξός ἐστι. Καλεῖται δὲ ἡ ἀμιλλα διαμαστίγωσις· γίνεται δὲ καθ' ἕκαστον ἔτος.</p> <p style="text-align: center;">41</p>	<p>Os meninos, entre eles, são golpeados com chicote o dia inteiro no templo de Ártemis⁶⁶ Órtia⁶⁷, muitas vezes até a morte, mas resistem alegres e exultantes até o fim,</p> <p>239D e competem pela vitória uns com os outros, vence quem dentre eles for mais golpeado por mais tempo; e quem se sobressai tem uma reputação muito boa. E a competição é chamada de flagelação⁶⁸; e acontece a cada ano.</p> <p style="text-align: center;">41</p>
<p>Ἐν δέ τι τῶν καλῶν καὶ μακαρίων ἐδόκει παρεσκευακέναι τοῖς πολίταις ὁ Λυκοῦργος ἀφθονίαν σχολῆς· τέχνης μὲν γὰρ ἄψασθαι βαναύσου τὸ παράπαν οὐκ ἔξῃν· χρηματισμοῦ δὲ συναγωγὴν ἔχοντος ἐργώδη καὶ πραγματείας οὐδ' ὅτιοῦν ἔδει διὰ τὸ κομιδῆ τὸν πλοῦτον ἄζηλον πεποικέναι καὶ ἄτιμον. Οἱ δὲ</p>	<p>Uma coisa dentre as belas e felizes ações que Licurgo pensou foi proporcionar a abundância de tempo livre aos cidadãos⁶⁹; pois não lhes era permitido em absoluto ter contato com o ofício⁷⁰ do trabalhador manual⁷¹; nem mesmo devia haver qualquer tipo de negociação lucrativa para a acumulação trabalhosa e</p>

⁶⁶ Filha de Zeus e Leto, irmã gêmea de Apolo, era conhecida como a deusa da caça e protetora do parto. Apolo era representado com as armas douradas, associado ao Sol, já a deusa, com armas argêntas, associada à Lua. Consultar: *Hino homérico a Ártemis e Hino homérico a Apolo*.

⁶⁷ Epíteto da deusa Ártemis cultuada em Esparta, que significa “ereta”, “alta”, adjetivos que convêm à deusa e à cultura guerreira dos espartanos.

⁶⁸ A flagelação espartana é também registrada por Plutarco em *Vida de Licurgo*, XVIII, 2 e *Vida de Aristides*, XVII, 10. Igualmente Pausânias o fez em sua *Descrição da Hélade*, III, 16, 10 e, mais tarde, Cícero registrará em *Tusculanas*, II, 14, 34 e Filóstrato o fará em *Vida de Apolônio de Tiana*, VI, 20.

⁶⁹ Plutarco coloca entre as determinações de Licurgo um pensamento que é desenvolvido por Aristóteles no século IV a.C. O cidadão aristotélico é o homem com tempo livre para filosofar e que recebe a educação para desenvolver o conhecimento como o pensamento filosófico, excluindo as mulheres e os que nasceram para ser governados, como os escravos. E a questão do tempo livre, ou do ócio, é assim sintetizada por Aristóteles: “E o tempo livre parece que tem em si mesmo prazer, felicidade e uma vida bem aventurada. E isso não existe entre os que trabalham, mas entre os que têm tempo livre; porque alguém que está dentre os trabalhadores trabalha por um fim que não se sustenta, enquanto a felicidade é um fim, a qual todos pensam que não está em companhia da dor, mas do prazer” (*Política*, 1338a3-6).

⁷⁰ τέχνης (*tékḗs*), que significa “arte”, aqui foi traduzido por “ofício” para não gerar a seguinte dualidade na tradução: “não tocar na arte do trabalhador manual”, o que levaria a crer que não usufríssem dessa arte por meio de taças, armas e outros objetos.

⁷¹ Heródoto encontrou semelhante prática entre os egípcios e assim a analisa: “Portanto, se os helenos aprenderam isso com os egípcios, não posso emitir um julgamento com exatidão, olhando para os trácios, os citas, os persas e os lídios, e quase todos os bárbaros os mais desprestigiados dos demais cidadãos são os que aprendem as artes manuais e os antepassados desses, enquanto os que estão livres das atividades manuais são considerados nobres e, principalmente, os que se dedicam aos assuntos da guerra. Então todos os helenos que aprenderam isso, principalmente os lacedemônios, mas os coríntios desaprovam menos aqueles que exercem atividades manuais” (*Histórias*, II, 167).

<p>εἴλωτες αὐτοῖς εἰργάζοντο</p> <p>239E τὴν γῆν ἀποφορὰν τὴν ἄνωθεν ἰσταμένην <τελοῦντες>. ἐπάρατον δ' ἦν πλείονός τινα μισθῶσαι, ἴν' ἐκεῖνοι μὲν κερδαίνοντες ἠδέως ὑπηρετῶσιν, αὐτοὶ δὲ μὴ πλέον ἐπιζητῶσιν.</p> <p style="text-align: center;">42</p> <p>Ἀπείρητο δ' αὐτοῖς ναύταις εἶναι καὶ ναυμαχεῖν· ὕστερον μὲντοι ἐναυμάχησαν, καὶ τῆς θαλάσσης κρατήσαντες πάλιν ἀπέστησαν, διαφθειρόμενα τὰ ἦθη τῶν πολιτῶν θεωροῦντες. ἀλλὰ πάλιν μετεβάλλοντο καθάπερ ἐν τοῖς ἄλλοις πᾶσι· καὶ γὰρ χρημάτων συναχθέντων τοῖς Λακεδαιμονίοις οἱ συναγαγόντες θανάτῳ κατεδικάσθησαν. Ἀλκαμένει γὰρ καὶ Θεοπόμπῳ τοῖς βασιλεῦσι χρησμὸς ἐδόθη (Paroem. Gr. I 39. 201. 327 II 150)</p> <p style="text-align: center;"><i>ἄ φιλοχρηματία Σπάρταν ὀλεῖ·</i></p> <p>239F ἀλλ' ὅμως Λύσανδρος ἐλὼν Ἀθηναίους πολὺν χρυσὸν καὶ ἄργυρον εἰσήγαγε, καὶ παρεδέξαντο καὶ ἐτίμησαν τὸν ἄνδρα. Τοῖς μὲν οὖν Λυκούργου χρωμένη νόμοις ἢ πόλις καὶ τοῖς ὄρκους ἐμμείνασα ἐπρώτευε τῆς Ἑλλάδος εὐνομία καὶ δόξη χρόνον ἐτῶν πεντακοσίων· κατ' ὀλίγον δὲ παραβαινομένων καὶ πλεονεξίας καὶ</p>	<p>sistemática, porque fez a riqueza algo que não se inveja nem se honra. E os hilotas trabalhavam a terra</p> <p>239E para eles e pagavam um tributo estabelecido desde o início. E, sob a pena de maldição, não era permitido dar-lhes um pagamento a mais, a fim de que os hilotas, na possibilidade de um ganho, trabalhassem com prazer e que eles não desejassem mais⁷².</p> <p style="text-align: center;">42⁷³</p> <p>E proibiu que eles tivessem nautas e travassem batalhas navais; mais tarde, todavia, eles travaram batalhas navais, e depois de terem dominado o mar, eles retornaram à terra natal, porque viram que os costumes dos cidadãos foram corrompidos por elas. Mas mudaram de ideia novamente, como em todos os outros assuntos; de fato, quando o dinheiro foi acumulado pelos lacedemônios, os que o acumularam foram condenados à morte. Pois aos reis Alcâmenes⁷⁴ e Teopompo⁷⁵, foi-lhes dado o oráculo:</p> <p style="text-align: center;"><i>O amor ao dinheiro destruirá Esparta!</i></p> <p>239F Mas mesmo assim, Lisandro⁷⁶ apoderou-se de muito ouro e prata dos atenienses e os trouxe para a cidade, e os lacedemônios o receberam e concederam honras a esse homem. Portanto, enquanto a cidade se serviu das leis de Licurgo e manteve os juramentos, foi a primeira cidade da Hélade porque tiveram uma boa ordem e uma</p>
--	--

⁷² Plutarco também registra esse episódio na *Vida de Licurgo*, XXIV, 2 e na *Vida de Agesilau*, XXVI, 4.

⁷³ Este dito, na verdade, parece um breve resumo da história de Esparta, pois traça a trajetória da cidade da época de Licurgo até a dominação romana.

⁷⁴ Rei espartano da Casa dos Ágidas, século VIII a.C., foi comandante do exército espartano na Primeira Guerra da Messênia, ao lado do rei Teopompo.

⁷⁵ Rei espartano da Casa dos Euripôntidas, 720-675 a.C., foi comandante e mentor da Primeira Guerra da Messênia.

⁷⁶ Estratego e navarca espartano (séculos V a.C.-IV a.C.), morto em Haliarto em 395 a.C. Lisandro alcançou grande prestígio após inúmeras batalhas vencidas, em especial, contra Atenas em 404 a.C., na conhecida Guerra do Peloponeso. Logo em 403 a.C., Lisandro propôs, sem êxito, aos espartanos que as realzas passassem a ser elegíveis. No entanto, os planos de Lisandro de alcançar o poder real se concretizaram em 399 a.C., mas de forma indireta, quando conseguiu nomear Agesilau rei de Esparta. Para mais detalhes sobre o episódio, consultar: Plutarco, *Vida de Agesilau*, e Xenofonte, *Agesilau*.

<p>φιλοπλουτίας παρεισδυομένης και τὰ τῆς δυνάμεως ἡλαττοῦτο· και οἱ σύμμαχοι διὰ ταῦτα δυσμενῶς εἶχον πρὸς αὐτούς. ἀλλ' ὅμως οὕτως ἔχοντες μετὰ τὴν Φιλίππου τοῦ Μακεδόνοιο ἐν Χαιρωνείᾳ νίκην, πάντων αὐτὸν τῶν Ἑλλήνων ἡγεμόνα κατὰ τε γῆν και κατὰ θάλασσαν ἀναγορευσάντων, και μεταξύ δ' Ἀλέξανδρον τὸν υἱὸν μετὰ τὴν Θηβαίων καταστροφὴν, μόνοι Λακεδαιμόνιοι, καίπερ ἀτείχιστον πόλιν ἔχοντες και ὀλίγοι πάνυ ὄντες διὰ τοὺς συνεχεῖς πολέμους και πολὺ ἀσθενέστεροι και εὐχέριωτοι γενόμενοι, πάνυ βραχέα τινὰ ζώπυρα διασφύζοντες τῆς Λυκούργου νομο-</p> <p>240A θεσίας, οὔτε συνεστράτευσαν οὔτε τούτοις οὔτε τοῖς μετὰ τὸν Μακεδονικοῖς βασιλεῦσιν, οὔτ' εἰς συνέδριον κοινὸν εἰσῆλθον οὔτε φόρον ἤνεγκαν· ἕως οὗ παντάπασιν ὑπεριδόντες τὴν Λυκούργου νομοθεσίαν ὑπὸ τῶν ἰδίων πολιτῶν ἐτυραννεύθησαν μηδὲν ἔτι σφύζοντες τῆς πατρίου ἀγωγῆς, και παραπλήσιοι τοῖς ἄλλοις γενόμενοι τὴν πρόσθεν εὐκλειαν και παρρησίαν ἀπέθεντο και εἰς δουλείαν μετέστησαν, και νῦν ὑπὸ Ῥωμαίοις καθάπερ οἱ ἄλλοι Ἕλληνες ἐγένοντο.</p>	<p>reputação durante o tempo de quinhentos anos; mas, pouco a pouco, eles foram transgredindo as leis porque a ambição e o amor ao dinheiro entraram nela,</p> <p>240A também as disposições do poder começaram a se enfraquecer; e os seus aliados militares, por causa disso, foram hostis com eles. Mas, mesmo assim, depois da vitória⁷⁷ de Filipe⁷⁸ da Macedônia⁷⁹ em Queroneia⁸⁰, quando todos os helenos proclamaram que ele era seu comandante na terra e no mar, e durante o tempo de seu filho Alexandre⁸¹, depois da ruína⁸² de Tebas⁸³, os lacedemônios foram os únicos, – apesar de sua cidade estar sem muralhas, de serem muito poucos por suas contínuas guerras, de se tornarem muito mais fracos e fáceis de ser dominados, porque preservaram muito pouco de uns últimos lampejos da legislação de Licurgo –,</p> <p>240B que não realizaram expedições militares nem com eles, nem com os sucessivos reis macedônios, nem entraram na assembleia geral, nem lhes pagaram tributo; até o ponto em que não mais observavam por completo a legislação de Licurgo e foram tiranizados por seus próprios cidadãos, nem preservaram ainda a educação tradicional, e se tornaram semelhantes aos outros, afastaram-se da boa glória de antes e da liberdade de expressão e se colocaram em uma situação de escravidão, e agora, como os demais helenos, estão sob o domínio dos romanos⁸⁴.</p>
--	---

⁷⁷ Batalha ocorrida em 338 a.C.

⁷⁸ Filipe II da Macedônia (século IV a.C.), pai de Alexandre, o Grande.

⁷⁹ Região situada ao noroeste da Hélade.

⁸⁰ Cidade natal de Plutarco, localizada na Béocia, região norte da Hélade.

⁸¹ Alexandre, o Grande, 330-323 a.C., rei da Macedônia, 336-323 a.C. e da Pérsia, 330-323 a.C.

⁸² Ocorrida em 335 a.C.

⁸³ Cidade localizada na região norte da Hélade, capital da Beócia.

⁸⁴ Vemos aqui uma tentativa de Plutarco de explicar como uma cidade tão famosa por suas virtudes militares pode se tornar um território dominado pelos romanos. Convém notar que Plutarco mostra que nem mesmo o Império Macedônio foi capaz de dominar Esparta, por conta de ser ainda um pouco influenciada pelas leis de Licurgo, que já não existiam mais à época romana, o que explicaria a submissão espartana. Este parágrafo também pode estar relacionado ao dito por Plutarco na *Vida de Lisandro*, XVII, 6, onde afirma que registrou em outro local uma crítica à entrada do dinheiro e da paixão que despertou entre os espartanos, como vimos na Introdução desta tradução.

Referências

Edições e traduções

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2018.

HERÓDOTO. **Histórias. Livro II – Euterpe**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

PLUTARCH. **Life of Lycurgus. Lives I**. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 1998.

PLUTARCH. **Life of Lysander. Lives IV**. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 1984.

PLUTARCH. **Moralia. Apophthegmata Laconica**. vol. 2.1. Ed. W. Nachstädt. Leipzig: Teubner, 1971.

PLUTARCO. **Da malícia de Heródoto**. Estudo, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. Edição bilíngue. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2013.

XENOPHON. **Scripta Minoria**. Trad. E. C. Marchant. London/ Massachusetts/ Cambridge, William Heinemann/ Harvard University Press, 1966.

Livros e artigos

CHRISTESEN, Paul; MARTIROSOVA-TORLONE, Zara. The Olympic victor list of Eusebius: background, text, and translation. **Traditio**, n. 61, 2006, p. 31-93.

CORRÊA, Paula da C. **Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco**. São Paulo: Edunesp, 1998.

DAVIES, Philip. 'Kalos kagathos' and Scholarly Perceptions of Spartan Society. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Bd. 62, H. 3, 2013, p. 259-279.

FIGUEIRA, Thomas J. Xenelasia and Social Control in Classical Sparta. **The Classical Quarterly**, v. 53, n. 1, 2003, p. 44-74.

FUTTER, Dylan. Plutarch, Plato and Sparta. **Akroterion**, n. 57, 2012, p. 35-51.

JONES, Christopher P. Towards a Chronology of Plutarch's Works. **The Journal of Roman Studies**, v. 54, 1966, p. 61-74.

LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. **Greek-English Lexicon with a Revised Supplement**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

SCOTT, Andrew G. Spartan courage and the social function of Plutarch's *Laconian apophthegms*". **Museum Helveticum**, v. 74, n. 1, 2017, p. 34-53.

SCOTT, Andrew G. The Spartan heroic death in Plutarch's "Laconian apothegms". **Hermes**, n. 143, 2015, p. 72-82.

SILVA, M. A. O. **Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.

ZIEGLER, Konrat. Plutarchos von Chaironeia. **Paulys Real-Encyclopädie der Classischen Altertumwissenschaft**. Stuttgart, Verlag, 1951, cols. 636-962.

Recebido em: 28/01/2020

Aceito para publicação em: 24/04/2020